

MÁRIO DE GOUVEIA

Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Museu Casa da Moeda (INCM/MCM)

Instituto de Estudos Medievais (IEM, NOVA FCSH)

mario.gouveia@incm.pt

MARIA JOÃO DE SOUSA

Parques de Sintra – Monte da Lua (PSML)

maria.sousa@parquesdesintra.pt

Moedas do reino de Castela e Leão provenientes do Castelo dos Mouros (Sintra):

escavações arqueológicas de 2009-2012

REVISTA M · Nº 1 · 2018 · 45 - 53

RESUMO

Procede-se neste artigo ao estudo de três moedas de bolhão batidas no reino de Castela e Leão durante o século XIV. Estas moedas foram encontradas no decurso de escavações arqueológicas no Castelo dos Mouros (Sintra), entre 2009 e 2012.

PALAVRAS CHAVE: Idade Média; castelo de Sintra; moedas; reino de Castela e Leão (século XIV).

ABSTRACT

In this essay one presents a study of three billon coins minted in the kingdom of Castile and León during the 14th century. These coins were found at the archaeological site of Castelo dos Mouros (Sintra), between 2009 and 2012.

KEYWORDS: Middle Ages; castle of Sintra; coins; kingdom of Castile and León (14th century).

Introdução

As intervenções arqueológicas levadas a cabo na fortificação hoje conhecida pela designação de Castelo dos Mouros, em Sintra, realizadas sob a direção técnica de Maria João de Sousa e promovidas pela Administração da Parques de Sintra – Monte da Lua, entre 2009 e 2012, levaram à identificação de um bairro islâmico sob uma necrópole cristã constituída por mais de trinta sepulturas de inumação, associadas a materiais arqueológicos de cronologia muito diversa, globalmente produzidos entre o neolítico e a atualidade.

Parte das sepulturas encontradas, bem como outras áreas intervencionadas sem contexto arqueológico seguro, continha, para além de espólio osteológico pertencente a adultos, adolescentes e crianças, característico do contexto a que estava associado, algumas dezenas de moedas datáveis da Primeira Dinastia, entre as quais se contavam vários dinheiros, um pilarte coroadado, um meio-tornês de escudo e uma barbuda, batidos entre os reinados de Afonso I (1128-1185) e Fernando I (1367-1383) de Portugal¹. Para além destas moedas, já dadas a conhecer num anterior trabalho de nossa autoria², foram também identificadas no decurso das escavações arqueológicas três outras moedas batidas pelos reis de Castela e Leão durante o século XIV, tipologicamente atribuíveis aos reinados de Fernando IV (1295-1312), Afonso XI (1312-1350) e João I (1379-1390).

No presente artigo, procedemos à caracterização tipológica deste último conjunto de moedas e problematizamos alguns aspetos relacionados com a sua inserção no respetivo contexto arqueológico. Iniciamos o estudo com a classificação das espécies metálicas encontradas e passamos de seguida à análise das principais problemáticas históricas suscitadas pela leitura das peças encontradas neste sítio. Nas nossas reflexões, apresentamos uma série de hipóteses que procuram, por um lado, explicar as razões que podem ter estado subjacentes à presença de moedas no local onde foram exumadas, e, por outro, perscrutar os motivos que podem ter levado à sua inserção nos circuitos económicos e à sua deposição no contexto que as preservou até à atualidade.

Inventário



N.º 1

PEPIÓN

Fernando IV de Castela e Leão (1295-1312)

Bi; 0,55g; 14mm; †

A/ *Na orla*: F REX CASTELLE; *No campo*: castelo dentro de gráfila circular; abaixo,

1. Para uma síntese da história da moeda portuguesa durante os séculos XII a XIV, são úteis MARQUES 1980^a; MARQUES 1980^b.

2. GOUVEIA & SOUSA 2017.

marca de oficina T (Toledo). R/ *Na orla*: ET LEGIONIS; *No campo*: leão à esquerda dentro de gráfila circular.

Bem conservada. Encontrada em escavações arqueológicas na vertente entre a muralha nascente e a igreja de São Pedro de Canaferrim, no Castelo dos Mouros, em Sintra, num contexto de necrópole de inumação datável da época medieval cristã (séculos XII-XIV). Depositada no Palácio de Monserrate, em Sintra, e temporariamente transferida para o antigo Museu do Banco de Portugal, em Lisboa, para efeitos de estudo.

Bib.: ÁLVAREZ BURGOS 1988: III.78, ref.^a 326.



N.º 2

NOVEN

Afonso XI de Castela e Leão (1312-1350)

Bi; 0,99g; 13mm; ↗

A/ *Na orla*: ALF REX CASTELLE; *No campo*: castelo dentro de gráfila quadrada; abaixo, marca de oficina B (Burgos). R/ *Na orla*: ET LEGIONIS; *No campo*: leão rompante coroado à esquerda, com círculo à frente da pata traseira direita, dentro de gráfila quadrada.

Mal conservada. Encontrada em escavações arqueológicas nas Antigas Cavalariças, no interior do Castelo dos Mouros, em Sintra, num contexto de aterro decorrente do crescimento da fortificação a partir de 1147. Depositada no Palácio de Monserrate, em Sintra, e temporariamente transferida para o antigo Museu do Banco de Portugal, em Lisboa, para efeitos de estudo.

Bib.: ÁLVAREZ BURGOS 1988: III.85, ref.^a 355.1.



N.º 3

CORNADO

João I de Castela e Leão (1379-1390)

Bi; 0,57g; 14mm; →

A/ *Na orla*: IOHANES REX; *No campo*: busto coroado do rei à esquerda. R/ *Na orla*: CASTELLE LEGIONIS; *No campo*: castelo turriforme, apresentando torre central sobrelevada e torres laterais encimadas por estrelas.

Bem conservada. Encontrada em escavações arqueológicas nas Antigas Cavalariças, no interior do Castelo dos Mouros, em Sintra, num contexto de aterro decorrente do crescimento da fortificação a partir de 1147. Depositada no Palácio de Monserrate, em Sintra, e

temporariamente transferida para o antigo Museu do Banco de Portugal, em Lisboa, para efeitos de estudo.

Bib.: ÁLVAREZ BURGOS 1988: III.127, sem ref.^a.

Problematização histórica

Efetuada a caracterização tipológica das três moedas castelhana-leonesas encontradas no sítio arqueológico, passamos de seguida a apresentar algumas considerações de ordem histórica proporcionadas pela análise do conjunto. O objetivo destas reflexões é definir as hipóteses mais plausíveis para o surgimento de uma destas moedas – o *pepión* de Fernando IV, a mais antiga das três peças identificadas neste sítio – numa zona de aterro situada na área da necrópole. Tecemos também algumas considerações acerca do aparecimento das duas moedas restantes – o *noven* de Afonso XI e o *cornado* de João I – em contextos arqueológicos que, à semelhança do primeiro, não permitem caracterização precisa, mas que nos fornecem alguns dados adicionais a respeito das moedas de produção portuguesa aí encontradas, várias das quais atribuíveis a data idêntica à que se pode aferir a partir da análise tipológica das três peças

mencionadas: o século XIV³.

Uma das primeiras questões suscitadas pela análise das três moedas castelhana-leonesas é saber como estas peças foram parar a Sintra. A hipótese que explica este facto com base na ideia de que as moedas constituem objetos circulantes por natureza – podendo, por este motivo, ser utilizadas fora da área onde foram produzidas como meios de troca envolvendo transações de pequena monta, como o sugere o facto de terem sido batidas em bolhão e de apresentarem desgaste indicativo de algum manuseio – deixa por explicar a função que lhe está associada no registo arqueológico. Embora o reduzido valor destas moedas possa ter permitido a sua entrada em circulação nas redes económicas em data presumivelmente identificada com o século XIV, à semelhança do que terá acontecido com algumas peças de cunhagem portuguesa encontradas no mesmo local, a verdade é que esta hipótese não nos dá nenhuma indicação acerca do problema relativo ao reconhecimento dos atributos de poder e soberania nelas patentes, referentes a três reis estrangeiros: Fernando IV⁴, Afonso XI⁵ e João I⁶.

Um dos dados que sugere a existência de ligações entre Portugal, por um lado, e os três reis de Castela e Leão que ordenaram a cunhagem destas

3. A conjuntura política coincidente com os reinados destes monarcas encontra-se amplamente estudada: vejam-se, entre outras, as sínteses propostas em ÁLVAREZ PALENZUELA 2005; CABRERA SÁNCHEZ 2005; GONZÁLEZ MÍNGUEZ 2005; ROJAS GABRIEL 2005; VALDEÓN BARUQUE 2005. A este respeito, é também útil IRADIEL 2009^a.
4. O'CALLAGHAN 2003^b.
5. O'CALLAGHAN 2003^a.
6. MACKAY 2003.

peças, por outro, parece não constituir explicação plausível para o achado que procuramos noticiar aqui: sabemos que Fernando IV se casou com Constança de Portugal e que Afonso XI se casou com Constança, em primeiras núpcias, e com Maria de Portugal, após o repúdio da primeira. A título de complemento, devemos chamar a atenção para o facto de Afonso XI ter participado, com D. Afonso IV, na batalha do Salado, em 1340⁷, associação que, na nossa opinião, não inviabilizaria a hipótese de moedas batidas em nome destes reis terem vindo parar ao território português, no quadro dos confrontos travados contra as forças merínidas.

A hipótese que enquadraria estas moedas no contexto das guerras travadas entre os reinos de Portugal e de Castela e Leão no quadro da crise de 1383-1385⁸ também poderia ajudar-nos a explicar a presença destas peças. Como objetos circulantes, estas moedas podem ter vindo parar a Sintra como resultado das tentativas de tomada da capital do reino pelas forças inimigas, um dos acontecimentos mais marcantes do conflito que opôs os dois reinos ibéricos nos finais do século XIV. Sabemos que João I se casou com Leonor, em primeiras núpcias, e com Beatriz de Portugal, filha de D. Fernando I, em segundas núpcias, chegando, por este motivo, a reivindicar para si o trono português e a enfrentar os exércitos de D. João, mestre de Avis, à data da tentativa de tomada de Lisboa em 1384⁹. Uma vez que este acontecimento

envolveu a passagem das forças inimigas pelos castelos que garantiam o controlo do acesso ao estuário do rio Tejo, entre os quais Sintra, pouco antes da derrota final das forças inimigas na batalha de Aljubarrota, em 1385¹⁰, é lícito considerar-se que as forças em movimento possam ter levado consigo espólio composto por moedas oriundas dos reinos de que provinham.

Como é do conhecimento geral, esta hipótese pode ser corroborada pelo facto de, na época medieval, muitas moedas serem aceites e utilizadas fora das áreas onde foram batidas e entraram em circulação. Uma vez que peças deste género são por vezes encontradas em contextos que denotam utilização a uma mais larga escala, podemos, naturalmente, pensar que a sua presença neste local esteja relacionada com a apreciação do respetivo teor de metal. É possível que, antes da sua deposição no contexto arqueológico que as preservou até à atualidade – níveis de aterro indicativos de que, ao longo da sua história, o castelo sofreu obras de ampliação e consolidação da estrutura –, estas moedas tenham sido utilizadas por uma comunidade aparentemente dotada de fracos recursos económicos, como o sugerem o metal em que foram batidas e o estado revelador de algum manuseio.

Embora não tenhamos nenhum elemento que corrobore esta hipótese, podemos ainda pensar que a presença destas moedas possa ter sido motivada

7. MARTINS 2011: 239-268.

8. MONTEIRO 1998; MARTINS 2014.

9. MARTINS 2011: 295-320.

10. MARTINS 2011: 295-320.

pela conjuntura de crise que marca a história ibérica durante o século XIV¹¹, época caracterizada por uma certa falta de liquidez financeira suscetível de criar a necessidade de recurso a numerário estrangeiro. Na eventualidade de esta hipótese poder ser validada por outros elementos recolhidos pela análise das fontes históricas, é lícito pensar-se, a propósito deste conjunto, que o valor das moedas, em correlação com o metal em que foram batidas, pode ter justificado a sua entrada em circulação em data anterior à sua inutilização final nos níveis de aterro.

Na verdade, a tentativa de justificação da presença destas três moedas em Sintra debate-se também com o problema do contexto em que estas terão sido utilizadas: se tivermos em conta a informação arqueológica que chegou até nós a propósito das moedas portuguesas encontradas no mesmo sítio, verificamos que as peças castelhano-leonesas, ao contrário do uso atestado para estas últimas, não foram utilizadas segundo uma solução de viático para os indivíduos inumados na necrópole. Se é crível a hipótese que as coloca em circulação, o facto é que a informação arqueológica não nos permite sustentar a ideia de que estas moedas possam ter sido utilizadas no quadro de pressupostos ligados ao culto dos mortos, de que a deposição no interior das sepulturas, em associação aos inumados, constituía, na época medieval, expressão recorrente¹².

Conclusão

No termo das nossas breves reflexões sobre as três moedas castelhano-leonesas encontradas na necrópole da igreja de São Pedro de Canaferrim, é importante dizer que as hipóteses avançadas ao longo deste trabalho se devem entender como pistas de análise que necessitam de ser perspetivadas à luz de novos estudos sobre a circulação de moedas estrangeiras no país durante a época medieval. Sublinhe-se que não foram encontrados até ao presente, nos contextos arqueológicos em que estas moedas foram exumadas, outros materiais que possam ser associados, com segurança, aos locais onde aquelas terão sido batidas, facto que parece apontar para uma certa casualidade de achado e nos impede de avançar uma explicação mais cabal para a sua presença nos níveis de aterro que denotam obras de ampliação e consolidação do castelo.

Embora nada nos permita afirmá-lo com elevado grau de certeza, é possível que peças como estas tenham vindo parar à região de Sintra como resultado da movimentação dos exércitos castelhano-leoneses que se digladiaram contra os exércitos portugueses no quadro dos confrontos que marcaram a história ibérica nos finais do século XIV, período coincidente, em Portugal, com os finais da dinastia de Borgonha, as lutas que se seguiram pela ocupação do trono e os inícios da dinastia de Avis. Embora possivelmente utilizadas como meios

11. LADERO QUESADA 2005; IRADIEL 2009^b.

12. GOUVEIA & SOUSA 2017.

de troca em transações que envolveriam quantias reduzidas de dinheiro, estas moedas apenas se preservaram até à atualidade devido ao facto de terem sido depositadas em níveis de aterro que, devido às suas características intrínsecas, não permitem interpretação arqueológica precisa.

Bibliografía

- ÁLVAREZ PALENZUELA, Vicente Ángel (2005). La internacionalización de los conflictos. In ÁLVAREZ PALENZUELA, Vicente Ángel (ed.). *Edad Media. Historia de España*. Barcelona: Editorial Ariel, 687-705.
- BALAGUER, Anna M. (1985). Hallazgos de moneda portuguesa medieval y moderna en el reino de Castilla-León y corona catalano-aragonesa. Ensayo de síntesis y análisis. In *III Congreso nacional de numismática. Actas*. Lisboa: Clube Numismático de Portugal, 367-387.
- CABRERA SÁNCHEZ, Margarita (2005). Una etapa de autoritarismo. In ÁLVAREZ PALENZUELA, Vicente Ángel (ed.). *Edad Media. Historia de España*. Barcelona: Editorial Ariel, 645-667.
- Catálogo general de las monedas españolas*, vol. III (1988). Fernando ÁLVAREZ BURGOS. *Catálogo de la moneda medieval castellano-leonesa. Siglos XI al XV*, Madrid: Vico y Segarra Editores.
- GONZÁLEZ MÍNGUEZ, César (2005). La reacción oligárquica frente al poder de las monarquías (1284-1325). In ÁLVAREZ PALENZUELA, Vicente Ángel (ed.). *Edad Media. Historia de España*. Barcelona: Editorial Ariel: 603-626.
- GOUVEIA, Mário de; SOUSA, Maria João de (2017). Moedas da primeira dinastia provenientes do Castelo dos Mouros (Sintra). Notícia preliminar das escavações arqueológicas de 2009-2011. *Revista M O*: 73-79.
- IRADIEL, Paulino (2009^a). Poder monárquico y régimen institucional en tiempos de crisis. Castilla-León y Navarra, 1252-1474. In IRADIEL, Paulino; MORETA, Salustiano; SARASA, Estéban. *Historia medieval de la España cristiana*. Madrid: Ediciones Cátedra, 393-462.
- IRADIEL, Paulino (2009^b). De la "crisis general" castellana y navarra a la temprana reconstrucción de las grandes economías de escala. In IRADIEL, Paulino; MORETA, Salustiano; SARASA, Estéban. *Historia medieval de la España cristiana*. Madrid: Ediciones Cátedra, 463-525.
- LADERO QUESADA, Miguel Ángel (2005). Sociedad bajomedieval. Crisis y recuperación económica. In ÁLVAREZ PALENZUELA, Vicente Ángel (coord.). *Edad Media. Historia de España*. Barcelona: Editorial Ariel, 815-841.
- MACKAY, Angus (2003). Juan I, king of Castile. In GERLI, E. Michael (ed.). *Medieval Iberia. An encyclopedia*. Nova Iorque – Londres: Routledge, 447-448.
- MARQUES, A. H. de Oliveira (1980^a). Ideário para uma história económica de Portugal na Idade Média. In *Ensaio da história medieval portuguesa*. Lisboa: Editorial Vega, 17-50.
- ____ (1980^b). A moeda portuguesa durante a Idade Média. In *Ensaio da história medieval portuguesa*. Lisboa: Editorial Vega, 195-220.
- MARTINS, Miguel Gomes (2011). *De Ourique a Aljubarrota. A guerra na Idade Média*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- ____ (2014). *A arte da guerra em Portugal. 1245 a 1367*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- MONTEIRO, João Gouveia (1998). *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*. Lisboa: Editorial Notícias.
- O'CALLAGHAN, Joseph F. (2003^a). Alfonso XI, king of Castile and León. In GERLI, E. Michael (ed.). *Medieval Iberia. An encyclopedia*. Nova Iorque – Londres: Routledge, 74-76.
- ____ (2003^b). Fernando IV, king of Castile. In GERLI, E. Michael (ed.). *Medieval Iberia. An encyclopedia*. Nova Iorque – Londres: Routledge, 331-332.
- ROJAS GABRIEL, Manuel (2005). El triunfo de las monarquías. In ÁLVAREZ PALENZUELA, Vicente Ángel (ed.). *Edad Media. Historia de España*. Barcelona: Editorial Ariel, 627-644.
- VALDEÓN BARUQUE, Julio (2005). La revolución trastámara. In ÁLVAREZ PALENZUELA, Vicente Ángel (ed.). *Edad Media. Historia de España*. Barcelona: Editorial Ariel, 669-685.